

Trabalho de Conclusão de Curso

**A presença feminina no Curso de Graduação em Odontologia
da UFSC**

Eveline Grando Friedrich



**Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Graduação em Odontologia**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
NOME DO PROGRAMA E/OU DO DEPARTAMENTO**

Eveline Grando Friedrich

**A PRESENÇA FEMININA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ODONTOLOGIA DA UFSC**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito para a conclusão
do Curso de Graduação em Odontologia
Orientador: Prof. Cláudio José Amante

Florianópolis

2015

Eveline Grando Friedrich

**A PRESENÇA FEMININA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ODONTOLOGIA DA UFSC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado, adequado para obtenção do título de cirurgião-dentista e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de Maio de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Cláudio José Amante,
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Ana Lúcia Schaefer Ferreira de Mello,
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Mirian Marly Becker,
Universidade Federal de Santa Catarina

Aos meus pais, Ivo e Elinita, e minha irmã, Emiline, por todo o amor, dedicação e apoio em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivo Emilio e Elinita, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Minha mãe, heroína, que sempre esteve ao meu lado cuidando de mim, me dando carinho, conselhos e fazendo todo o possível para que nossos encontros fossem mais frequentes.

Meu pai, meu exemplo na profissão escolhida, meu mestre e maior professor, que sempre compartilhou seus conhecimentos comigo e me encorajou a chegar onde estou.

A minha irmã, Emiline, pelo carinho e por, mesmo distante, me acalmar nas horas difíceis e nunca me deixar desistir quando as coisas não ocorriam como o imaginado.

Ao meu querido orientador, professor Cláudio José Amante, por ser sempre tão atencioso, dedicado e competente. Obrigada pelo tempo destinado ao trabalho, pela paciência, apoio e sabedoria compartilhada.

Ao meu amigo, ex-namorado e dupla de clínica, Murillo Barreto Cardoso, que desde os primeiros dias esteve ao meu lado compartilhando todos os momentos e conhecimentos, participando da minha formação humana e profissional.

Meus agradecimentos aos (as) amigos (as) Adriana Stuelp, Bruna Uliana, Caroline Stanguerlin, Gabriela Pasqualin, Stefani Arcari, Thuani Antunes, Rodrigo Parreiras e Vitório Grando, que proporcionaram momentos maravilhosos e inesquecíveis que sempre farão parte de mim.

Ao meu colega e amigo Vinícius Spiger que, com muita paciência e atenção, me ajudou a finalizar este trabalho.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver ser livre”.

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

INTRODUÇÃO: A odontologia, durante a sua trajetória histórica, tem sido distinguida como uma profissão tipicamente masculina. No entanto, atualmente, tem-se discutido que ela passa por um processo crescente de feminização. O aumento do número de mulheres também tem sido observado nas universidades brasileiras, nas quais elas representam a maior parte dos estudantes de nível superior do país. **OBJETIVOS:** Descrever o processo de inserção da mulher ocorrido ao longo dos anos no Curso de Graduação em odontologia da UFSC. **METODOLOGIA:** O presente estudo foi realizado no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, com participação de 70 alunos (nona e décima fase), os quais responderam um questionário estruturado contendo questões objetivas, além disso, realizou-se um levantamento documental para analisar a trajetória dos docentes e discentes na odontologia do estado de Santa Catarina. **RESULTADOS:** O curso de Odontologia da UFSC é composto em sua maioria por mulheres (69,95%) sendo grande parte delas brancas, solteiras, sem filhos, de idade entre 20 e 25 anos, que não trabalham e que cursaram o ensino médio em escola privada. 50% dos alunos concordaram que o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo fez com que a mulher optasse pela profissão. Mais de 60% da amostra concordou que determinadas características tipicamente femininas podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia. Em relação a discriminação das alunas do curso pela comunidade universitária, 58,57% dos graduandos não concordaram que isto aconteça. **CONCLUSÃO:** O perfil atual dos graduandos de odontologia da UFSC se mostrou semelhante ao de outras universidades: houve uma feminização do curso em relação aos discentes. Porém, quanto as docentes o número de homens chega a ser quase o dobro do de mulheres, assim como em outras faculdades.

Palavras-chave: trabalho feminino; educação em odontologia; e, escolas de odontologia.

ABSTRACT

INTRODUCTION: dentistry, during its historical trajectory, has been distinguished as a typically male profession. However, currently, it has been argued that it goes through a growing process of feminization. This increase has also been observed in Brazilian universities, where women represent the majority of university students in the country. **OBJECTIVES:** describe the woman's insertion process occurred over the years in undergraduate degree in dentistry at UFSC. **METHODS:** This study was conducted at the CGO UFSC, with the participation of 70 students (ninth and tenth stages), who answered a structured questionnaire with objective questions. **RESULTS:** The course of Dentistry at UFSC consists mostly of women (69.95%) being most of them white, single, with no children, aged between 20 and 25 years, who do not work and who attended high school in a private school. 50% of the students agreed that the fact of dentistry allows self-employment influenced women to choose this profession. More than 60% of the sample agreed that certain typically female characteristics may contribute positively to the enhancement of women's work in dentistry. 58.57% of the students do not agree that happen a discrimination by the university community regarding the course students. **CONCLUSION:** The current profile of the UFSC dental graduates was similar to that of other universities: there was a feminization of the course in relation to students body. However, in the teachers body, the number of men is almost twice of women, as well as in other universities.

Keywords: women, working; education, dental; e, schools, dental.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Características atuais do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC. Florianópolis, 2015	23
----------	--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição dos participantes da pesquisa conforme a variável sexo. Florianópolis, 2015.	34
Gráfico 2	Separação das participantes conforme sua etnia. Florianópolis, 2015.	34
Gráfico 3	Distribuição das participantes de acordo com a origem do ensino médio. Florianópolis, 2015.	34
Gráfico 4	Áreas de interesse na odontologia, em ordem decrescente, escolhidas pelas participantes. Florianópolis, 2015.	36
Gráfico 5	Descrição da opinião dos participantes quanto a pergunta: “Você concorda que o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo, possibilitando adequar a carreira com seu estilo de vida e suas atividades familiares, fez com que a mulher optasse pela profissão?”. Florianópolis, abril de 2015.	37
Gráfico 6	Resposta dos participantes quando questionados se concordam que determinadas características tipicamente femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia. Florianópolis, abril de 2015.	38
Gráfico 7	Descrição da opinião dos participantes sobre a discriminação das aulas de odontologia pela comunidade universitária, e seu menor prestígio acadêmico em relação aos alunos. Florianópolis, abril de 2015.	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Composição da docência no período de 1976	28
Tabela 2	Corpo docente no período de 1978	29
Tabela 3	Relação entre homens e mulheres formados no Instituto Polytechnico entre 1919 e 1932	30
Tabela 4	Descrição da distribuição das mulheres entre as turmas formadas na Faculdade de Farmácia e Odontologia nos anos de 1950 a 1959	30
Tabela 5	Distribuição das mulheres entre as turmas formadas na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1960 até 1980	31/32
Tabela 6	Relação entre o número total de formandos e o número de mulheres formadas por décadas (1960 a 2000). Florianópolis, 2015	32
Tabela 7	Descrição dos participantes da pesquisa conforme a variável sexo. Florianópolis, 2015	33
Tabela 8	Faixa Etária, Etnia, Estado Civil, Origem do Ensino Médio e Situação Ocupacional, entre participantes da pesquisa do sexo feminino. Florianópolis, 2015	35
Tabela 9	Descrição dos participantes da pesquisa conforme a variável Áreas de Interesse. Florianópolis, 2015	36
Tabela 10	Grau de concordância com: Você concorda que o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo, possibilitando adequar a carreira com seu estilo de vida e suas atividades familiares, fez com que a mulher optasse pela profissão?. Florianópolis, 2015	37
Tabela 11	Grau de concordância com: Você concorda que determinadas características tipicamente femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia?. Florianópolis, 2015	38
Tabela 12	Grau de concordância com: Você concorda que as alunas do curso de odontologia ainda são discriminadas pela comunidade universitária, bem como apresentam um prestígio acadêmico de relevância inferior em relação aos alunos?. Florianópolis, 2015	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CD – Cirurgião Dentista

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

GIPES – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Interdisciplinaridade e Saúde

INPEAU – Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEDLINE – Medical Literature Analysis and Retrieval System Online

MeSH - Medical Subject Headings

NLM – U.S. National Library of Medicine

CGO – Curso de Graduação em Odontologia da UFSC

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Unimontes - Universidade Estadual de Montes Claros

UNITAU – Universidade de Taubaté

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFTM – Universidade federal do Triângulo Mineiro

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FO-UFRGS – Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

SUMÁRIO	13
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1 A evolução da mulher no mercado de trabalho mundial e no Brasil	16
2.2 A participação da mulher na odontologia.....	18
3. OBJETIVOS	21
3.1 Problemática	21
3.2 Tema	21
3.2.1 Delimitação do tema	21
3.3 Objetivo geral	21
3.4 Objetivos específicos	21
3.5 Justificativa	21
3.6 Originalidade e relevância desse estudo	22
4. METODOLOGIA	23
4.1 Delimitação do local da pesquisa.....	23
4.2 População participante do estudo.....	23
4.3 Classificação da pesquisa.....	23
4.4 Instrumento de coleta de dados	24
4.5 Coleta dos dados.....	24
4.6 Análise e interpretação dos dados.....	25
4.7 Comitê de ética da Pesquisa	25
4.8 Descritores do estudo	25
4.9 Grupo de pesquisa envolvido	26
5. RESULTADOS.....	27
5.1 Histórico da criação do Curso de Odontologia da UFSC	27
5.2 Histórico feminino da Docência	28
5.3 Histórico dos discentes.....	29
5.4 Participantes da Pesquisa Aplicada	33
6. DISCUSSÃO	40
7. CONCLUSÃO	43
8. REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

O motivo pelo qual foi decido por este tema está relacionado com uma percepção empírica¹ do aumento significativo de mulheres cirurgiãs-dentistas atuando no mercado de trabalho, bem como, o crescente número de alunas regularmente matriculadas no curso de graduação em odontologia da UFSC.

Desde os primórdios da odontologia prevaleceu a presença masculina e a participação feminina nesta profissão ficava restrita as atividades subalternas, auxiliando seus maridos ou, ocasionalmente, assumindo a profissão após a sua morte (RABELLO; GODOY; PADILHA, 2000).

A inserção da mulher na odontologia ocorreu de forma lenta e gradual, em conformidade com o contexto histórico e cultural da sociedade. Provavelmente, a primeira mulher a praticar odontologia nos Estados Unidos da América foi Emeline Roberts Jones, em 1855. Inicialmente, ela trabalhava como assistente de seu marido, um Cirurgião Dentista, e após a sua morte em 1864, continuou a praticar a profissão. Contudo, no ano de 1866, na Universidade de Ohio, foi graduada a primeira mulher da história da Odontologia, Lucy Beaman Hobbs Taylor (KING, 1945).

No Canadá, C. L. Josephine Wells foi a primeira mulher a se formar e obter a certificação do Colégio Real de Cirurgiões Dentistas em 1893, bem como a primeira CD no Canadá a trabalhar em odontologia hospitalar. Da mesma forma, Lilian Lindsay, em 1895, foi a primeira britânica a ser diplomada pelo Royal College of Surgeons of Edinburgh (ROSS, 1994; CANADIAN FEDERATION OF UNIVERSITY WOMEN, 2010).

Este fato também foi percebido por outros pesquisadores desse tema. Nos últimos anos tem havido um aumento na força de trabalho feminino nas profissões, principalmente na área da saúde. Esse acréscimo feminino também aconteceu na demanda nos cursos de odontologia (MOIMAZ; SALIBA; BLANCO, 2003).

Em nosso país, após 15 anos da criação do curso de Odontologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1884, formou-se a primeira mulher, a paulista Isabella Von Sydow, filha de imigrantes alemães. No Brasil, está ocorrendo um progressivo aumento do trabalho feminino na odontologia e com altíssima concentração na região Sudeste, especialmente no Estado de São Paulo. É importante destacar que desde a década de 1980, os cursos de graduação em odontologia no Brasil têm formado mais mulheres do que homens (MOYSÉS, 2004; PINTO, 2008. MOTT et al., 2008; BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010).

A odontologia, durante a sua trajetória histórica, tem sido distinguida como uma profissão tipicamente masculina. No entanto, atualmente, tem-se discutido que ela passa por um processo crescente de trabalho feminino. Este aumento também tem sido observado nas universidades brasileiras, na qual elas representam a maior parte dos estudantes de nível superior do país. Em vários cursos universitários, as mulheres já ocupam metade das vagas oferecidas. Em 1970, 25% da população com nível universitário eram compostas por mulheres. Essa proporção salta para 53% em 2000. Outro estudo também verificou que

¹ Empírico: médico que confia apenas na experiência. Designa tudo aquilo que constitui um campo de conhecimento antes de toda intervenção racional e de toda a sistematização lógica. JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

as mulheres constituem 68% dos acadêmicos de uma faculdade de odontologia no Rio Grande do Sul (COSTA; DURAES; ABREU, 2010; BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010).

Uma pesquisa realizada em todo o Brasil revelou que em 25 dos 27 estados o número de mulheres com inscrição ativa era maior, exceto nos estados de Santa Catarina e Acre. Nele também foi possível observar que este resultado é decorrente de um processo que teve o seu início desde o final dos anos 90. (MORITA, HADDAD ARAÚJO, 2010).

Ao se investigar o perfil profissional dos odontopediatras CD clínicos gerais que atendem crianças numa cidade do nordeste brasileiro, foi constatado que a grande maioria dos integrantes deste estudo, mais de 90%, eram mulheres. Além do atendimento infantil, a especialidade de dentística também está apresentando esta mesma tendência. Todavia, a especialidade de cirurgia buco maxilo facial ainda apresenta um predomínio masculino (FARIAS et al, 2010).

A presença da mulher nos ambientes de trabalho também traz repercussões na organização e na estrutura de funcionamento familiar. Um dos principais desafios para a mulher está em conciliar tempo para tarefas domésticas, acadêmicas e trabalho externo (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012).

Atualmente, através de uma metodologia investigativa foi observado na UFSC que os alunos de graduação em odontologia são na sua maioria mulheres, solteiras, com idade entre 18 e 24 anos, brancas, sem filhos e não residem com os pais (LATREILLE, 2013).

Sendo assim, é nesse atual contexto da odontologia, que evidencia a evolução da mulher no mercado de trabalho que esta proposta de TCC se estrutura.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A evolução da mulher no mercado de trabalho mundial e no Brasil

A introdução da mulher no mercado de trabalho ocorreu no período de 1914-1945 devido as guerras mundiais. Os homens se deslocavam para as batalhas e as mulheres da família assumiam os negócios por eles deixados. Visto que, grande parte deles morriam ou ficavam incapacitados para assumirem novamente suas ocupações, elas, então, continuavam a tocar os estabelecimentos (LESKINEN, 2004, **apud** OST, 2009; ARAÚJO, 2004, **apud** SIMÕES; HASHIMOTO, 2011).

A partir do século XIX, houveram inúmeras mudanças no âmbito econômico mundial, como por exemplo, a incorporação do capitalismo. Subsequente a isso, a revolução industrial e suas máquinas a vapor fizeram com que inúmeras mulheres fossem contratadas, mesmo com maior carga horária e salário inferior, para operá-las e realizar trabalhos monótonos e repetitivos, já que sua mão de obra era vista como de baixa qualidade (PINTO MARTINS, 2008, **apud** OST, 2009)

Esse estilo de produção fabril visava apenas a rentabilidade dos donos das indústrias, não tendo em vista a saúde e condições dignas para as suas trabalhadoras, que eram claramente exploradas e subjugadas (HOLZMANN, 2000).

De acordo com Bemería (1994, **apud** BRITO, 2000) “a busca do lugar e do processo de produção mais barato em qualquer região do planeta levou ao que se tem qualificado de “nova preferência pelo emprego das mulheres” e, por sua vez, a sua proletarização”. Por serem mal remuneradas e de trabalharem em condições precárias, cumprindo até 16 horas de trabalho diário, começaram a surgir leis trabalhistas que garantiram a mulher o direito de férias, período de licença maternidade, além da redução da carga horária abusiva; trazendo assim, benefícios para as trabalhadoras, melhorando sua qualidade de vida e permitindo que as mesmas pudessem continuar no mercado de trabalho (SIMÕES; HASHIMOTO, 2011).

Os anos se passaram e as mulheres foram tendo cada vez mais força e participação no mercado de trabalho mundial. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1995 as mulheres eram responsáveis por cerca de 53% do trabalho total (remunerado ou não) nos países em desenvolvimento e 51% nos países industrializados. Sendo que, a maioria, quase 2/3, eram atividades não remuneradas e com carga horária 13% maior do que a dos homens. Aproximadamente 17% destas trabalhavam na esfera doméstica, seguidas pelas autônomas que somavam 16% e em terceiro lugar nas atividades de subsistência, 9%. No mesmo ano, estudos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) atestaram que 54% das assalariadas trabalhavam sem carteira assinada (DIEESE, 1998, **apud** BRITO, 2000).

Como demonstrado acima, foi uma reforma global, não acometendo apenas a Europa. No Brasil, segundo Fleck e Wagner (2003), o padrão familiar baseado na divisão de papéis onde o homem garantia o sustento da família com seu trabalho fora de casa e a mulher destinavam-se as atividades domésticas, mudou. Desde meados de 1970, procedeu a uma maior inserção das mulheres nas atividades econômicas. Segundo o IBGE (2000), nessa época aproximadamente 18% das mulheres faziam parte da população

economicamente ativa (PEA); porém, nos anos 2000, esse número passou para 35% (VIDAL; NETO, 2003).

Porém, foi em 1990 que essa reestruturação se exacerbou no país. A entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho remunerado se deu por diversos fatores, como por exemplo as lutas do movimento feminista, surgido no século XIX (ANTUNES, 1999, **apud** DIAS, 2007).

Podemos citar como outros elementos responsáveis por essa feminização: a reestruturação econômica, necessidade de maior renda familiar, o aumento da escolaridade, o maior acesso das mulheres nas escolas e universidades, mudanças nos padrões familiares e sociais e até mesmo o surgimento dos métodos contraceptivos. Como podemos notar, não foram fatores isolados e sim um conjunto deles que favoreceram o arquétipo econômico da atualidade (WANJAMAN; QUEIROZ; LIBERATO, 1998; GIATTI; BARRETO, 2002, **apud** VIDAL; NETO, 2003).

De acordo com Nascimento e Oliveira (2007):

“Médicas, advogadas, escritoras, professoras secundárias, telegrafistas eram constantemente mencionadas pelo jornal, que publicava a luta de mulheres pela participação em concursos públicos, assim como sua inserção em cursos superiores pelo mundo, ao passo que protestava contra a exclusão feminina das instituições de ensino superior. O acompanhamento sistemático e entusiástico de cada nova inserção das mulheres em faculdades induzia ao debate sobre a temática, amadurecendo a pretensão que viria a constituir-se em possibilidade, em 1879, com a Lei de Reforma do Ensino Superior e, anos mais tarde, com a primeira mulher a formar-se em medicina no Brasil em 1887.”

No Brasil, tem-se notado um acelerado aumento do número de mulheres em ocupações de nível superior que anteriormente eram reputadas como masculinas, como por exemplo, medicina, odontologia, veterinária, arquitetura e engenharia; fazendo com que o gênero feminino seja o ocupante de mais da metade das cadeiras universitárias (MEC/INEP, 1998 **apud** HOLZMANN, 2000).

Estudos demonstraram que as mulheres possuem renda mensal inferior à dos homens: R\$ 510,71 ± 861,42 e R\$ 754,02 ± 1.386,85 respectivamente (VIDAL; NETO, 2003).

Em relação a trajetória da atividade feminina no Brasil, houve um aumento da participação das mulheres entre 15 e 64 anos, chegando a 63% em 2008. Pesquisa realizada por Ramos, Aguas e Furtado (2011), analisou a força feminina em diversos países, inclusive o Brasil, no período de 2001 a 2008, sendo que todos apresentaram uma ascensão ou estabilidade nas taxas de participação da mulher no mercado de trabalho. Segundo os autores do estudo: “os Estados Unidos e a Austrália, (...) superaram 70% de mulheres entre 15 e 64 anos na força de trabalho. O Brasil acompanhou o crescimento da Europa e do Japão até 2005, depois se estabilizou enquanto os demais continuaram a subir, (...)”. A participação feminina brasileira exprimiu profícua evolução, sendo que, na população economicamente ativa (PEA) metropolitana, os cônjuges femininos, em 2008, eram quase metade da mesma, além de ocorrer também um crescimento de mulheres chefes, chegando a 20% no mesmo ano. Porém, existem alguns fatores que afetam a participação das mulheres no mercado de trabalho, como por exemplo, a presença de filhos de pouca idade,

principalmente em famílias que tendem à pobreza, dificultando ainda mais sua situação econômica (RAMOS; AGUAS; FURTADO, 2011).

Ademais, de acordo com Fernández (2006 *apud* OST, 2009), mulheres com encargos familiares são claramente rejeitadas; seja devido à gravidez e maternidade, de matrimônio ou pela dupla jornada que elas enfrentam ao chegar em suas casas, visto que, isto traz inúmeras consequências em virtude da sobre carga física e emocional.

Ainda segundo Ramos, Aguas e Furtado (2011) “com relação à escolaridade da mulher, anos completos de estudo elevam a sua probabilidade de fazer parte da força de trabalho como consequência da elevação de seu custo de oportunidade, (...)”. Isso pode ser constatado em resultados obtidos pelo IBGE em 2009, onde a população feminina com 10 anos de idade ou mais possuía em média 7,4 anos de estudo, já os homens aproximadamente 7 anos.

Mesmo com a igualdade garantida por lei pelo artigo 5º pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988) e com as lutas e conquistas do movimento feminista, a divisão sexual do trabalho é ainda uma realidade fortemente presente na sociedade; muitas vezes ocupando cargos de prestígio inferior ou ganhando menos do que homens em um mesmo nível ocupacional (SILVA, 2012).

Por outro lado, também foi encontrado na literatura que o aumento da presença da mulher no mercado de trabalho tem suscitado outras questões. Dentre elas, foi destacado que uma das formas que as empresas têm buscado para se diferenciar no mercado é enfatizando determinadas características típicas femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, principalmente valorizadas em áreas em que é necessário lidar diretamente com o cliente (AMARAL, 2012).

Mundialmente, a presença da mulher no mercado de trabalho era vista como um fenômeno passageiro e eventual. Mas, com o passar dos anos esse pensamento foi refutado e graças a lutas e esforços das mulheres, hoje, é considerado um fato irreversível (HOLZMANN, 2000).

2.2 A participação da mulher na odontologia

Como já mostrado neste trabalho, a incorporação das mulheres no mercado de trabalho ocorreu de maneira lenta e gradual, não sendo diferente com a odontologia. Desde o início da profissão, os homens preponderavam na odontologia, sendo que as mulheres geralmente participavam das operações auxiliando seus maridos ou tomando posse do trabalho dos mesmos após seu falecimento (RABELLO, 2000 *apud* BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010).

A primeira faculdade de Odontologia foi criada em 1840 em Baltimore, sendo que somente em 1866, 26 anos depois, na Universidade de Ohio, graduar-se-ia a primeira mulher nessa profissão (SILVA et al, 1996 *apud* BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010).

Ao falar do aumento do número de cirurgiãs dentistas em todo o mundo, não podemos deixar de mencionar King (1945) que citou em seus estudos o nome das primeiras mulheres a atuarem na odontologia estadunidense. São elas:

- Emeline Roberts Jones, provavelmente foi a primeira mulher a praticar odontologia nos Estados Unidos. Emeline era casada com um CD, o qual auxiliava durante os procedimentos durante meados de 1855. Para ganhar experiência, ela treinava suas habilidades em dentes extraídos. Somente em 1864, após a morte do cônjuge, ela assumiu os negócios e pode desenvolver sua prática;
- Lucy B. Hobbs Taylor, outra pioneira, foi a primeira mulher a ser formada em uma faculdade odontológica. Em NY a comunidade de Ellenberg ficou chocada em 1859, quando ela expressou o desejo de estudar odontologia. Ela finalmente só foi bem sucedida quando o Dr. Wardel, CD, concedeu uma vaga em seu consultório para ela atuar em condições de igualdade com os outros alunos. Em 1861, tornou-se membro da Iowa State Dental Society e mais tarde foi admitida como aluna no Ohio Dental College, recebendo em 1866, o grau em odontologia.
- Marie Grubert de Berlim (Alemanha) foi a segunda mulher a completar os seus estudos em uma faculdade no ano de 1872;
- Fanny A. Rambarger, em 1874 obteve a sua titulação na Faculdade de Cirurgia Dentária da Pensilvânia, tornando-se a segunda mulher americana a receber o grau CD, porém ela limitou a sua prática somente para mulheres e crianças; e,;
- Por volta de 1925 já havia inúmeras CD de destaque, dentre elas: a Dra. Cornelia Morrison Thompson, membro da equipe da Clínica Odontológica Municipal e presidente da Unidade de Odontologia do Missouri para associação de crianças; Dra. Ruth Martin, professora associada de cirurgia dentária, diretora da clínica infantil e membro da sociedade americana de odontologia para crianças.

No Canadá, C. L. Josephine Wells foi a primeira mulher a se formar e obter a certificação do Colégio Real de Cirurgiões Dentistas em 1893, bem como a primeira CD no Canadá a trabalhar em odontologia hospitalar. Da mesma forma, Lilian Lindsay, em 1895, foi a primeira britânica a ser diplomada pelo Royal College of Surgeons of Edinburgh (ROSS, 1994; CANADIAN FEDERATION OF UNIVERSITY WOMEN, 2010)

A mesma relação sobre a inserção das mulheres na odontologia é observada no Brasil, em que apenas em 1889, forma-se pela Faculdade de Odontologia do Rio de Janeiro, Isabela Von Sydow, a primeira mulher cirurgiã dentista graduada no país (JORNAL DO CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA, 2013, p.8). Porém foi após os anos sessenta que houve um aumento da participação feminina na área da saúde (BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010).

Segundo diversos autores (COOMBS, 1976; DU, 1983; EPSON et al., 1974 **apud** BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010), o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo, possibilitando adequar a carreira com seu estilo de vida e suas atividades familiares, fez com que a mulher optasse pela profissão. Outros estudos demonstraram que cerca de 45% das mulheres escolheram a odontologia por vocação, seguida pela possibilidade de

tornarem-se autônomas, tendo seu negócio próprio (40%), ou pelo fato de durante a infância/adolescência terem contato com dentistas (38%) (MOIMAZ; SALIBA; BLANCO, 2003).

Mesmo a odontologia sendo, atualmente, em sua maioria, constituída por mulheres, algumas especialidades ainda são consideradas como masculinas, como por exemplo, a cirurgia buco maxilo facial (PARAJARA, 2000 **apud** BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010). Em contra partida, áreas como odontopediatria, endodontia, dentística e saúde pública tem predomínio feminino (MORITA, HADDAD, ARAÚJO, 2010).

De acordo com Stewart, Drummond (2000) e Du (1983) citados por Moimaz, Saliba e Blanco (2003), eles expuseram a preferência das mulheres por essas áreas devido ao fato delas veicularem sua delicadeza, paciência e destreza.

A mulher ainda enfrenta diversas dificuldades no mercado de trabalho. Segundo Moimaz, Saliba e Blanco (2003), mais da metade das mulheres enfrentaram algum obstáculo no início de sua carreira, como a insegurança financeira, dupla jornada ou próprio preconceito dos pacientes com profissionais recém-formados. Sendo que, para 44% a renda adquirida com a odontologia não é suficiente para suprir suas necessidades.

O Brasil é um dos países com o maior percentual de CD no mundo, cerca de 20% de sua totalidade. Porém, a distribuição interna dos mesmos não ocorre de maneira uniforme. Há 40 anos a profissão poderia ter sido considerada como eminentemente masculina, visto que quase 90% dos dentistas eram homens. Entretanto, nos dias de hoje, as mulheres se constituem maioria nos 25 dos 27 estados do país (51,2%), exceto Acre e Santa Catarina que giram em torno de 49 a 50% de participantes do sexo feminino na odontologia. Em contra partida, o estado com maior número de mulheres é a Paraíba (67%). Atualmente, devido ao crescente ingresso das mulheres nas universidades, a profissão tem sua maioria feminina (56,3%), sendo os homens majoritários apenas nas faixas acima de 56 anos (MORITA; HADDAD; ARAÚJO, 2010).

3. OBJETIVOS

3.1 Problemática

Um problema é um aspecto ou dúvida que leva ao início de uma pesquisa, e sua percepção é a razão do raciocínio da pesquisa, sendo, portanto, a sua solução o centro da pesquisa (SILVA; MENEZES, 2005).

Assim, levando em consideração os relatos encontrados na literatura, acima mencionado, o problema desta pesquisa é:

“Como aconteceu a presença feminina no curso de graduação em odontologia da UFSC?”

3.2 Tema

A evolução da participação da mulher no mercado de trabalho.

3.2.1 Delimitação do tema

O trabalho feminino no curso de graduação em odontologia da UFSC, desde a sua fundação até o momento atual.

3.3 Objetivo geral

Descrever o processo de inserção da mulher, ocorrido ao longo dos anos, no curso de graduação em odontologia da UFSC.

3.4 Objetivos específicos

- Descrever a trajetória da mulher no mercado de trabalho mundial e no Brasil e a sua participação na odontologia.
- Delinear a trajetória da presença feminina, discente e docente, no curso de graduação em odontologia da UFSC.
- Apresentar o perfil dos alunos do CGO referente ao sexo, a idade a etnia, o estado civil, a presença de filhos, a situação ocupacional e a origem do curso médio.
- Conhecer a opinião dos discentes sobre a presença do trabalho feminino no CGO.

3.5 Justificativa

Um problema é um aspecto ou dúvida que leva ao início de uma pesquisa, e sua percepção é a razão do raciocínio da pesquisa, sendo, portanto, a sua solução o centro da pesquisa (GIL, 2000; SILVA; MENEZES, 2005).

- **Social** – este estudo demonstrará, a partir de questionários e busca de dados em documentos do departamento, as características atuais dos

interessantes na odontologia da UFSC, e a evolução das mulheres dentro do mesmo. Visto que, tem sendo uma mudança observada em diversas universidades, porém pouco estudada nesta instituição.

- **Acadêmico** – esta pesquisa visa estabelecer a participação das mulheres no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC e conhecer a opinião dos docentes sobre o tema, elucidando as características dos alunos do curso e trazendo mais informações relevantes sobre uma questão cada vez mais frequente no cotidiano dos educandos e educadores. Os resultados obtidos poderão fornecer uma atualização sobre o perfil do CGO do CCS da UFSC.
- **Científico** – trazer ao conhecimento das pessoas uma temática de extrema importância e relevância visto que se aplica não só ao curso de odontologia desta universidade, mas como ao mercado de trabalho em geral. Podendo, auxiliar em projetos futuros já que o tema é pouco explorado no CGO.
- **Pessoal** – esse projeto ajudará na compreensão das mudanças relacionadas ao perfil da profissional que escolhe a odontologia como carreira. Além disso, sua realização apresentará uma importância significativa para a formação acadêmica e profissional dos pesquisadores envolvidos.

3.6 Originalidade e relevância desse estudo

- **Originalidade** – está associada ao próprio tema, que pretende compreender o processo de inserção do trabalho feminino ocorrido ao longo dos anos no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.
- **Relevância** – é em virtude de esta matéria ser de fundamental importância para a odontologia, em decorrência do aumento da presença feminina em diferentes áreas da sociedade que lhe conferem direitos sociais, políticos e econômicos.

4. METODOLOGIA

4.1 Delimitação do local da pesquisa

O presente estudo foi realizado no CGO da UFSC. O CGO foi aprovado pelo Decreto Federal de número 30.234 em 04 de dezembro de 1951 e divulgado, em 06 de Dezembro do mesmo ano, no Diário Oficial da União. No quadro a seguir, destinam-se as características do currículo atual do curso.

Quadro 1. Características atuais do curso em questão. Florianópolis, 2014.

Processo admissão do aluno	Seletivo vestibular
Regime	Seriado semestral
Número de vagas semestrais	50
Número de semestres letivos	10 semestres
Turno de funcionamento	Diurno

Fonte: Departamento de Odontologia da UFSC, 2015.

4.2 População participante do estudo

Participaram deste estudo os alunos da nona e décima fase (regularmente matriculados no CGO) da UFSC, voluntários, com mais de 18 anos, no momento da aplicação da pesquisa. A fim de facilitar a coleta dos dados, os questionários foram aplicados aos discentes de acordo com o semestre letivo em que os mesmos se encontravam.

4.3 Classificação da pesquisa

Este trabalho foi classificado quanto: a sua natureza; aos seus objetivos; e, ao seu procedimento técnico.

- Quanto a sua natureza – **pesquisa aplicada**. Para Trentini e Pain (1999) a pesquisa aplicada tem por objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigida à solução de problemas peculiares e compreende fatos e interesses locais; e, para Gil (2008) ela tem como característica principal o interesse na aplicação, na utilização e nos efeitos práticos dos conhecimentos.

- Quanto aos seus Objetivos – **descritiva**. Gil (2008) garante que a pesquisa descritiva tem por escopo descrever as características de determinada população. Ela também pretende identificar os fatores que motivam para a ocorrência dos fenômenos estudados.
- Quanto aos seus procedimentos técnicos – **exploratória e conclusiva descritiva**. Segundo Lakatos e Marconi (2001) a pesquisa exploratória busca seus dados por intermédio de um levantamento em fontes secundárias (levantamento bibliográfico, levantamento documental e levantamento estatístico); e, a pesquisa conclusiva descritiva investiga as suas metas através da aplicação do instrumento de coleta de dados estruturado.

Assim sendo esta pesquisa se enquadra nestas classificações acima descritas em virtude de: (1) de ela pretender identificar a presença feminina no curso de odontologia da UFSC; (2) por intermédio da exposição de indicadores inerentes à condição social e educacional da população abrangente; e, 3) finalmente, conhecer a opinião dos acadêmicos sobre a participação das mulheres na profissão, através da aplicação de um instrumento de coleta de dados semiestruturado (ANEXO I).

4.4 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados foi estruturado da seguinte maneira:

- A) Dados da população de estudo, composta por itens relacionados ao perfil das alunas (sexo, idade, etnia, estado civil, presença de filhos, origem do ensino médio, situação ocupacional, conhecimento de outras línguas e área clínica de interesse na odontologia); o qual será respondido apenas pelas entrevistadas do sexo feminino, e;
- B) A opinião de todos os discentes entrevistados, independente do sexo, a respeito da presença feminina na odontologia (ANEXO I).
- C) Levantamento documental através de livros e registros do Departamento de Administração Estudantil e do Departamento de Odontologia da UFSC.

4.5 Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada pela autora deste trabalho, no mês de março de 2015, da seguinte forma:

Os alunos regularmente matriculados no CGO, para favorecer a coleta de dados, foram reunidos de acordo com o semestre letivo, ou seja, nona e décima fase. Sendo que, a pesquisa foi aplicada nas salas de aulas teóricas do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC, com a prévia permissão do professor responsável por ministrar a disciplina em andamento no local.

Posteriormente à autorização docente, a pesquisa foi apresentada aos acadêmicos presentes, explicando seus objetivos, sua justificativa e metodologia. Em seguida, foram clarificadas todas as dúvidas relativas ao estudo, ao termo de consentimento livre e esclarecido e a respeito do preenchimento do instrumento de coleta de dados.

4.6 Análise e interpretação dos dados

Após a coleta de dados, os resultados obtidos foram analisados por intermédio de medidas estatísticas descritivas.

4.7 Comitê de ética da Pesquisa

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humano, devidamente registrado com número 977.296 em 03/03/2015 (Anexo VI).

Para conduzir o processo de investigação dentro dos padrões éticos e morais, os pesquisadores desenvolveram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com informes relevantes aos prováveis participantes, como a explicação do projeto, os objetivos da pesquisa, contato e informações dos pesquisadores, direitos de recusa, abandono ou desistência em qualquer fase do estudo, o respeito à confidencialidade e sigilo das informações, a importância da pesquisa, além da ausência de riscos e de custo financeiro para os participantes. O TCLE possui duas vias, sendo uma para o pesquisador, e uma para o entrevistado (ANEXO II).

4.8 Descritores do estudo

Os descritores deste estudo foram obtidos por intermédio de uma pesquisa realizada ao DecS, uma base oficial de consulta em ciências da saúde constituída de 32.160 descritores, organizados hierarquicamente, permitindo assim, a execução de uma investigação em termos mais amplos ou mais específicos ou todos os termos que pertençam a uma mesma estrutura hierárquica. O DEcS tem por meta servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas fontes de informação disponíveis na BVS como LILACS, MEDLINE e outras. Foi desenvolvido a partir do MeSH, órgão vinculado ao NLM, tendo por objetivo de permitir o uso de terminologia comum para pesquisa em três idiomas, proporcionando um meio consistente e único para a recuperação da informação independentemente do idioma (DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2014).

Assim neste trabalho foram selecionados os seguintes descritores:

- Português: trabalho feminino (refere-se ao trabalho remunerado exercido por mulheres); educação em odontologia (Usada para artigos relativos à educação dental em geral); e, escolas de odontologia (Instituições educacionais para indivíduos em especialização no campo da odontologia).
- Inglês: women, working; education, dental; e, schools, dental.
- Espanhol: trabajo de mujeres; educación en odontología; e, escuelas de odontología.

4.9 Grupo de pesquisa envolvido

Este estudo está vinculado ao macroprojeto – A educação em odontologia no Brasil: aspectos pedagógicos, administrativos e institucionais, subprojeto – aspectos administrativos da educação odontológica, do GIPES. Este macroprojeto está devidamente registrado nesta IFES, por intermédio do número protocolar 2014.1295.

5. RESULTADOS

5.1 Histórico da criação do Curso de Odontologia da UFSC

A trajetória inicial do curso de odontologia no estado de Santa Catarina passou por três períodos principais. O primeiro foi pelo surgimento do Instituto Polytechnico, o segundo, pela fundação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, e por fim, a criação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Surgia em 1909, o balbucio inicial da criação de um curso superior no Estado de Santa Catarina ao ser assinada uma lei que outorgava fundação da Faculdade Livre de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia em Florianópolis. Contudo, devido à falta de condições para a instituição da mesma no Estado, a presente lei não se cumpriu. Em 28 de Outubro de 1918, foi reconhecido então, o curso de odontologia no Instituto Polytechnico localizado na Rua Trajano e em seguida realocado para a Rua João Pinto para finalmente se estabelecer na Avenida Hercílio Luz. O ensino tinha caráter prático e durava dois anos. Porém, em 1933, 14 anos após sua primeira turma colar grau, uma sequência de adversidades acarretou seu fechamento (ROSA; MADEIRA, 1982).

A implantação do Departamento de Saúde Pública do Estado de Santa Catarina foi fundamental para a criação de um curso superior na área da saúde visto que tinha o objetivo de planejar e executar uma política sanitária no Estado. Para o exercício profissional era obrigatório o registro neste Departamento, sendo Edith C.G. Pieper a primeira mulher a tê-lo, em 1924 (ROSA; MADEIRA, 1982).

Por aproximadamente dezesseis anos, Santa Catarina permaneceu sem uma faculdade de odontologia, gerando um prejuízo para quem almejava graduar-se na profissão e também para a comunidade do Estado, que permanecia sem muito acesso ao serviço. Apenas em 1946, a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina tornou-se realidade, possuindo na época dois prédios sede, e um currículo de três anos. Contudo, sua aprovação veio somente dois anos depois, em 1948, com o decreto nº 24.316. O tempo de dois anos entre a fundação e a autorização para o funcionamento permitiu a organização didático-administrativa da faculdade. Por fim, obteve reconhecimento do Ministério da educação em 1951 (ROSA; MADEIRA, 1982). Entre seus fundadores estavam diversos profissionais, como médicos, cirurgiões dentistas, farmacêuticos, laboratoristas, veterinário e químico industrial. Destacando, dentre os fundadores as cirurgiãs dentistas Yeda Manganelli Orofino, Ilse Kreiling, Maria Passerine Wildi e Zoraide Cunha das Neves.

Ainda de acordo com esses autores, em 1960, por um decreto assinado pelo então atual presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, foi criada a Universidade Federal de Santa Catarina. Após a separação dos cursos de Farmácia e Odontologia, em 1961, apenas cinco professores tomaram posse dos seus cargos, dentre eles, somente três da área de odontologia: Samuel Fonseca, Arthur Pereira e Yeda Manganelli Orofino, mostrando já a participação feminina no início do curso.

Atualmente, o CGO da UFSC funciona no Campus Universitário e possui cerca de 500 acadêmicos e 80 professores.

5.2 Histórico feminino da Docência

A presença da mulher na docência da odontologia no seu início teve pouca expressão mas grande importância. De acordo com registros no livro de Rosa e Madeira (1982), o curso de graduação em odontologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia, na sua época de fundação, continha cerca de 24 professores sendo a senhora Yeda Manganelli Orofino a única mulher a compor o corpo docente, lecionando nas disciplinas de Ortodontia e Odontopediatria.

A professora Yeda Orofino Gubert tornou-se chefe do departamento de Higiene e Odontologia preventiva e ainda em fins de 1967 e início de 1968 continuava a ser a única mulher entre os 51 docentes. Essa diferença se mostra ainda mais tarde quando dos 5 catedráticos, nenhum era mulher assim como os 2 regentes da cátedra e dos 17 professores assistentes. Já dos 22 auxiliares de ensino encontravam-se 3 mulheres: Helenita Caldeira da Silva (odontopediatria), Iara Odila Noceti Amonn (odontopediatria) e Rosita Dittrich (Clínica 2o). Já em meados de 1970, Circe Ferreira tornou-se professora do Departamento de Saúde Pública, Helenita Caldeira da Silva, Iara Odila Nocetti Amonn, Rosita Dittrich Viggiano e Yeda Orofino Gubert do Departamento de Estomatologia (ROSA; MADEIRA, 1982).

Ainda segundo o livro Odontologia Catarinense: evolução, ensino e movimento associativo, durante o período de 1976 Rosita Dittrich Viggiano obteve título de Livre-docente em periodontia. Durante a trajetória do curso, o corpo docente sofreu diversas modificações (Tabela 1 e 2).

Atualmente, o corpo docente do departamento de odontologia da UFSC é composto aproximadamente por 40% de mulheres, sendo as especialidades escolhidas por estas: 1) odontopediatria, 2) endodontia, 3) prótese dentária, 4) dentística, saúde coletiva e implantodontia, 5) estomatologia, pacientes com necessidades especiais, periodontia, odontogeriatria, ortodontia e disfunção temporomandibular e dor orofacial.

Tabela 1- Composição da docência no período de 1976.

TÍTULO	COMPONENTES	MULHERES	%
Titulares	7	1	14,28%
Livre-docentes e Doutores	27	1	3,70%
Assistentes	4	0	0%
Mestres	14	2	14,28%
Auxiliares	21	3	14,28%
Total	73	7	9,59%

Fonte: Livro Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo (ROSA; MADEIRA, 1982).

Tabela 2- Corpo docente no período de 1978.

TÍTULO	COMPONENTES	MULHERES	%
TITULARES	30	1	3,33%
ADJUNTOS	7	0	0%
ASSISTENTES	45	9	20%
COLABORADORES	8	3	37,5%
TOTAL	90	13	14,44%

Fonte: Livro Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo (ROSA; MADEIRA, 1982).

5.3 Histórico dos discentes

A primeira turma do curso de graduação em odontologia do Instituto Polytechino teve somente sete alunos matriculados, porém apenas quatro concluíram o curso: Ary Bittencourt Machado, João Mariano Santos Júnior, Judith Diniz e Paulina Portella. Durante três anos nenhuma mulher se formou em odontologia nesta faculdade. Em 1922, Carmem Cribari e Edith Pieper, colaram grau na profissão e correspondiam a 50% dos formandos. (ROSA; MADEIRA, 1982).

Por problemas administrativos e financeiros, em 1933, Instituto Polytechnico foi fechado e somente em 1948 foi fundada a Faculdade de Farmácia e Odontologia, para a qual foram abertas as inscrições para o concurso, que fixava 30 vagas para cada curso – Farmácia e Odontologia. Para cursar odontologia se inscreveram apenas 3 candidatos, sendo realizada nova chamada onde novamente apenas 3 novos candidatos prestaram o concurso. Com o contingente de seis alunos foi iniciada a primeira turma do curso. Dentre os discentes, todos eram do sexo masculino. Já a segunda e a terceira turma obtiveram 18 inscritos cada, sendo apenas nesta última, matriculada a primeira mulher do curso - Rosari Maria Santos (ROSA; MADEIRA, 1982).

Rosa (1978) traçou o perfil dos candidatos ao curso de odontologia da UFSC sendo dos 1.041 inscritos, 598 homens e 443 mulheres. Quanto ao número de aprovados, foram 68, dos quais 42 homens e 26 mulheres. A faixa etária concentrou-se em 18 a 20 anos com o significativo percentual de 73,5%.

Como demonstrado na revisão acima, a odontologia catarinense passou por diversas modificações e diversos institutos e faculdades até a atualidade. Abaixo encontram-se três tabelas mostrando o número total de alunos das diversas turmas e o número de mulheres destas mesmas turmas, mostrando a diferença deste contingente e que antigamente o curso de odontologia, tanto na discência quanto na docência, era predominantemente masculino.

Tabela 3- Relação entre homens e mulheres formados no Instituto Polytechnico entre 1919 e 1932.

TURMA	Nº FORMADOS	Nº MULHERES	%
1919	4	2	50
1920	6	0	0
1921	4	0	0
1922	4	2	50
1923	7	0	0
1924	7	0	0
1925	5	0	0
1926	7	1	14,28
1927	5	0	0
1928	4	0	0
1929	12	0	0
1930	2	0	0
1931	9	1	11,11
1932	51	6	11,76

Fonte: Livro Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo (ROSA; MADEIRA, 1982).

Tabela 4- Descrição da distribuição das mulheres entre as turmas formadas na Faculdade de Farmácia e Odontologia nos anos de 1950 a 1959.

TURMA	Nº ALUNOS	Nº MULHERES	%
1950	6	0	0%
1951	18	0	0%
1952	18	1	5,55%
1953	30	3	10%
1954	44	5	11,36%
1955	36	8	22,22%
1956	46	4	8,69%
1957	36	2	5,55%
1958	43	1	2,32%
1959	27	2	7,41%

Fonte: Livro Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo (ROSA; MADEIRA, 1982).

Tabela 5- Distribuição das mulheres entre as turmas formadas na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1960 até 1980.

(Continua)

TURMA	Nº ALUNOS	Nº MULHERES	%
1960	33	2	6,06%
1961	29	4	13,79%
1962	23	0	0%
1963	37	9	24,32%
1964	23	3	13,04%
1965	Não houve formatura		_____
1966	15	1	6,67%
1967	21	2	9,52%
1968	20	3	15%
1969	35	9	25,71%
1970	42	1	2,38%
1971	46	10	21,74%
1972	36	7	21,87%
1973	8	2	25%
1974 – 1º SEMESTRE	22	3	13,64%
1974 – 2º SEMESTRE	21	2	9,52%
1975 – 1º SEMESTRE	30	11	36,67%
1975 – 2º SEMESTRE	29	9	31,03%

Tabela 5- Distribuição das mulheres entre as turmas formadas na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1960 até 1980.

(Conclusão)

1976 – 1º SEMESTRE	30	9	30%
1976 – 2º SEMESTRE	28	10	35,71%
1977 – 1º SEMESTRE	24	8	33,33%
1977 – 2º SEMESTRE	42	13	30,95%
1978 – 1º SEMESTRE	34	13	38,23%
1978 – 2º SEMESTRE	46	14	30,43%
1979 – 1º SEMESTRE	36	11	30,55%
1979 – 2º SEMESTRE	39	12	30,77%
1980 – 1º SEMESTRE	47	13	27,66%
1980 – 2º SEMESTRE	38	16	42,10%

Fonte: Livro Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo (ROSA; MADEIRA, 1982).

Tabela 6- Relação entre o número total de formandos e o número de mulheres formadas por décadas (1960 a 2000). Florianópolis, 2015.

Década	Nº total formados	Nº mulheres formadas	%
1960	236	33	13,98
1970	513	135	26,31
1980	830	322	38,80
1990	861	405	47,04
2000	867	506	58,36

Fonte: Departamento de Administração Escolar da UFSC.

Porém, foi apenas em 1981.2 que ocorreu a primeira turma com mais mulheres do que homens no CGO da UFSC com um contingente de 20 e 19 respectivamente. Depois essa situação só foi se repetir 10 anos depois, na turma de 1991.2, com 29 mulheres e 16 homens. Durante o decorrer dos anos a diferença do número de formados do sexo feminino e masculino começou a diminuir cada vez mais. Mas foi a partir de 2003.1 que todas as turmas a seguir tiveram um número maior de mulheres formadas do que de homens.

Mesmo assim, o número de homens que se formaram no Curso de Graduação em Odontologia da UFSC ainda é maior do que o de mulheres formadas no mesmo, sendo respectivamente: 57,64% contra 42,36%.

De acordo com o Departamento de Administração Escolar (DAE), estão matriculados atualmente no curso de graduação em odontologia 569 alunos, sendo que destes 398 são do sexo feminino e 171 do sexo masculino. Correspondendo, respectivamente 69,95% de mulheres e 30,05% de homens.

5.4 Participantes da Pesquisa Aplicada

Se tratando da conformação atual dos alunos de odontologia da UFSC, observou-se que nas salas onde foram aplicados os questionários, a sua maioria é composta por mulheres, chegando a aproximadamente 67% dos alunos, contra 33% de homens, como mostra a tabela 7 e o Gráfico 1.

Tabela 7- Descrição dos participantes da pesquisa conforme a variável sexo. Florianópolis, abril, 2015.

Sexo	N	%
Feminino	47	67,14
Masculino	23	32,86
Total	70	100

Fonte: Dados obtidos do questionário aplicado à amostra da pesquisa.

Já em relação ao perfil socioeconômico das aulas de odontologia nas últimas fases (Tabela 8), podemos notar que mais de 80% das mesmas possuem entre 20 e 25 anos de idade, assim como as que se autodeclararam de etnia branca (Gráfico 2). Mais de 90% são solteiras e não trabalham no momento, e quase 98% não possuem filhos. Quanto a origem do ensino médio, 76,59% vieram do ensino privado, contra 21,28% do ensino público (Gráfico 3).

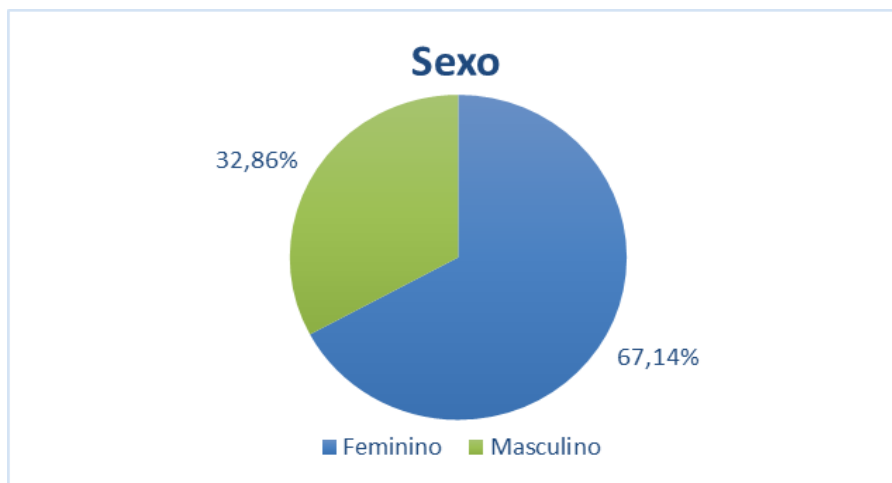


Gráfico 1- Distribuição dos participantes da pesquisa conforme a variável sexo. Florianópolis, 2015.

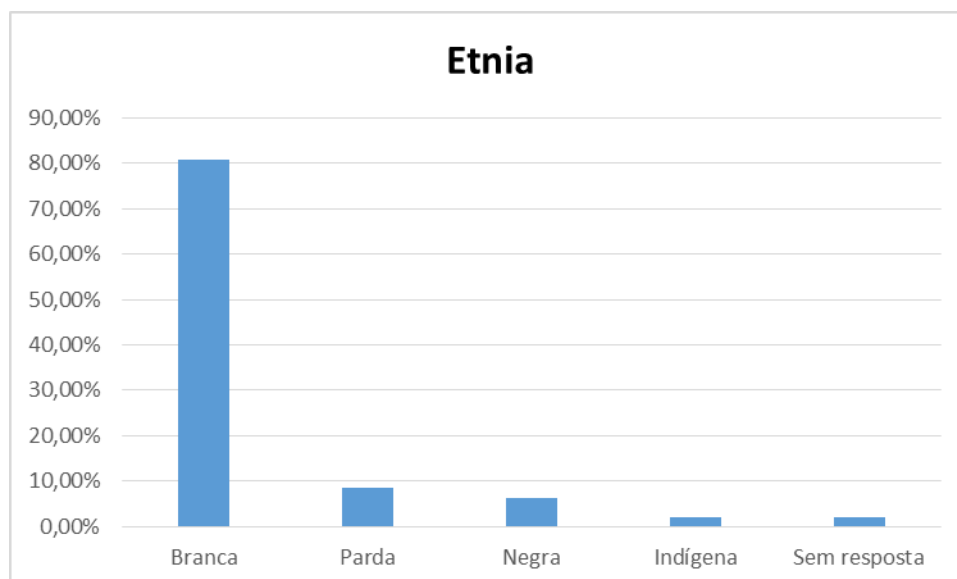


Gráfico 2- Separação das participantes conforme sua etnia. Florianópolis, 2015.

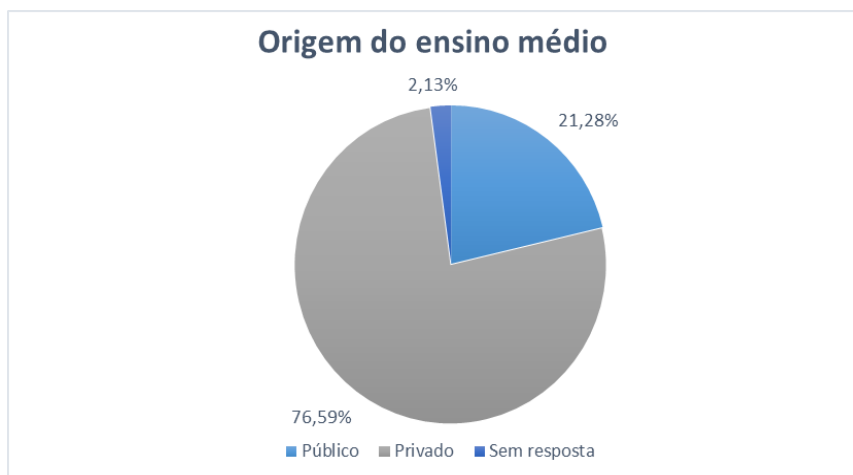


Gráfico 3- Distribuição das participantes de acordo com a origem do ensino médio. Florianópolis, 2015.

Tabela 8- Descrição de variáveis Faixa Etária, Etnia, Estado Civil, Origem do Ensino Médio e Situação Ocupacional, entre participantes da pesquisa do sexo feminino. Florianópolis, abril de 2015.

Variável	N	%
Faixa etária (n=47)		
20 a 25 anos	38	80,85
26 a 30 anos	7	14,89
31 anos ou mais	2	4,26
Etnia (n=47)		
Branca	38	80,85
Parda	4	8,51
Preta	3	6,38
Indígena	1	2,13
Sem resposta	1	2,13
Estado Civil (n=47)		
Solteira	44	93,62
Casada	2	4,25
Divorciada	1	2,13
Origem do Ensino Médio (n=47)		
Público	10	21,28
Privado	36	76,59
Sem resposta	1	2,13
Situação Ocupacional (n=47)		
Trabalhando	3	6,38
Não trabalha no momento	43	91,49
Sem resposta	1	2,13
Presença de filhos (n=47)		
Sim	1	2,13
Não	46	97,87

Fonte: Dados obtidos do questionário aplicado à amostra da pesquisa.

As áreas de interesse na odontologia mais citadas pelas participantes foram, em ordem da mais citada para a menos citada, respectivamente, 1) dentística, 2) cirurgia e traumatologia buco facial, 3) implantodontia, ortodontia e prótese dentária, 4) odontopediatria, 5) endodontia, 6) periodontia, 7) oclusão, estomatologia e odontologia legal, como pode-se observar na Tabela 9 e no Gráfico 4.

Tabela 9- Descrição dos participantes da pesquisa conforme a variável Áreas de Interesse. Florianópolis, abril de 2015.

Área de interesse	N	%
Dentística	24	51,06
Cirurgia/TBF	19	40,42
Implantodontia	13	27,66
Ortodontia	13	27,66
Prótese	13	27,66
Odontopediatria	12	25,53
Endodontia	11	23,40
Periodontia	6	12,76
Oclusão	1	2,13
Odontologia Legal	1	2,13
Estomatologia	1	2,13
Materiais Dentários	0	0
Propedêutica	0	0

Fonte: Dados obtidos do questionário aplicado à amostra da pesquisa.

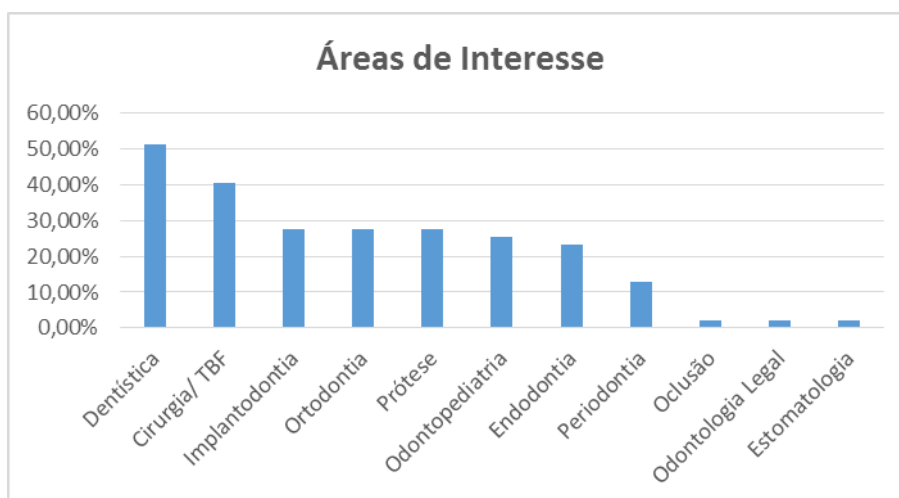


Gráfico 4- Áreas de interesse, em ordem decrescente, escolhidas pelas participantes. Florianópolis, 2015.

Quando questionadas sobre a hipótese da escolha da odontologia pelo fato da profissão permitir, através do trabalho autônomo, conciliar a carreira com o estilo de vida e com atividades familiares, 51% das alunas concordaram com o que descrito acima. O mesmo se observou quanto a resposta dos alunos, onde quase 48% do mesmos disseram concordar com a frase, como se observa na Tabela 10 e Gráfico 5.

Tabela 10- Grau de concordância com: “Você concorda que o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo, possibilitando adequar a carreira com seu estilo de vida e suas atividades familiares, fez com que a mulher optasse pela profissão?”. Florianópolis, abril de 2015.

Sexo	DT		D		NCND		C		CT		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	3	6,38	7	14,89	11	23,40	24	51,06	2	4,27	47	100
Masculino	0	0	6	26,09	5	21,74	11	47,83	1	4,34	23	100
Total	3	4,28	13	18,57	16	22,87	35	50	3	4,28	70	100

Legenda: DT= Discordo Totalmente; D= Discordo; NCND= Nem concordo nem discordo; C= Concordo; CT= Concordo totalmente.

Fonte: Dados obtidos do questionário aplicado à amostra da pesquisa.

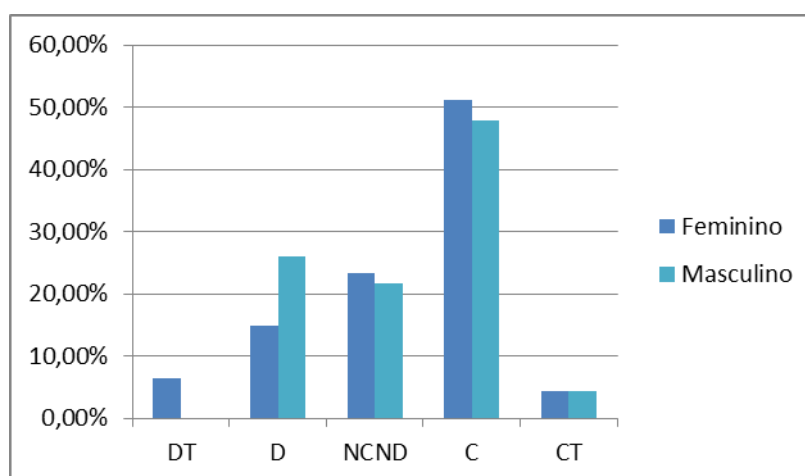


Gráfico 5- Descrição da opinião dos participantes quanto a pergunta: “Você concorda que o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo, possibilitando adequar a carreira com seu estilo de vida e suas atividades familiares, fez com que a mulher optasse pela profissão?”. Florianópolis, abril de 2015.

Quanto à pergunta: “Você concorda que determinadas características tipicamente femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia?”, tanto os homens quanto as mulheres em sua maioria disseram concordar com o que descrito na colocação, sendo a resposta positiva respectivamente, 59,57% para as mulheres e 69,56% para os homens (Tabela 11 e Gráfico 6).

Tabela 11- Grau de concordância com: “Você concorda que determinadas características tipicamente femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia?”. Florianópolis, abril de 2015.

Sexo	DT		D		NCND		C		CT		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	0	0	3	6,38	5	10,64	28	59,57	11	23,41	47	100
Masculino	1	4,35	1	4,35	2	8,70	16	69,56	3	13,04	23	100
Total	1	1,43	4	5,71	7	10	44	62,86	14	20	70	100%

Legenda: DT= Discordo Totalmente; D= Discordo; NCND= Nem concordo nem discordo; C= Concordo; CT= Concordo totalmente.

Fonte: Dados obtidos do questionário aplicado à amostra da pesquisa.

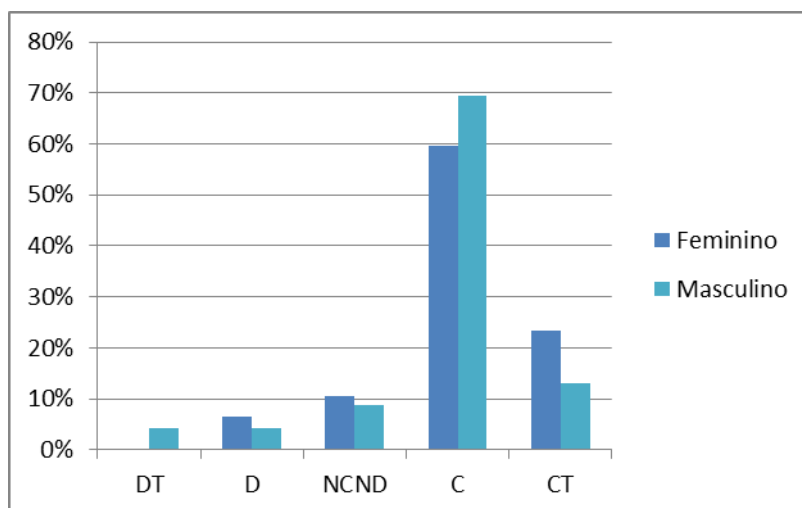


Gráfico 6- Resposta dos participantes quando questionados se concordam que determinadas características tipicamente femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia. Florianópolis, abril de 2015.

Em relação à discriminação das alunas de odontologia pela comunidade universitária e seu prestígio acadêmico inferior em relação aos alunos do mesmo curso, como pode ser observado na Tabela 12, quase 60% das alunas discordaram com o descrito, seguido de 29,79% das que discordaram totalmente. As que nem concordaram nem discordaram aparecem em 3º lugar com 8,51%, seguido das que concordaram, com 2,13%. A mesma ordem se observou quanto a resposta dos alunos do curso, onde 56,52% discordaram, 39,13% discordaram totalmente e 4,35% nem concordaram nem discordaram

da afirmação. O gráfico 7 demonstra as diferenças nas respostas entre participantes do sexo masculino e feminino.

Tabela 12- Grau de concordância com: “Você concorda que as alunas do curso de odontologia ainda são discriminadas pela comunidade universitária, bem como apresentam um prestígio acadêmico de relevância inferior em relação aos alunos?”. Florianópolis, abril de 2015.

Sexo	DT		D		NCND		C		CT		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	14	29,79	28	59,57	4	8,51	1	2,13	0	0	47	100
Masculino	9	39,13	13	56,52	1	4,35	0	0	0	0	23	100
Total	23	32,86	41	58,57	5	7,14	1	1,43	0	0	70	100%

Legenda: DT= Discordo Totalmente; D= Discordo; NCND= Nem concordo nem discordo; C= Concordo; CT= Concordo totalmente.

Fonte: Dados obtidos do questionário aplicado à amostra da pesquisa.

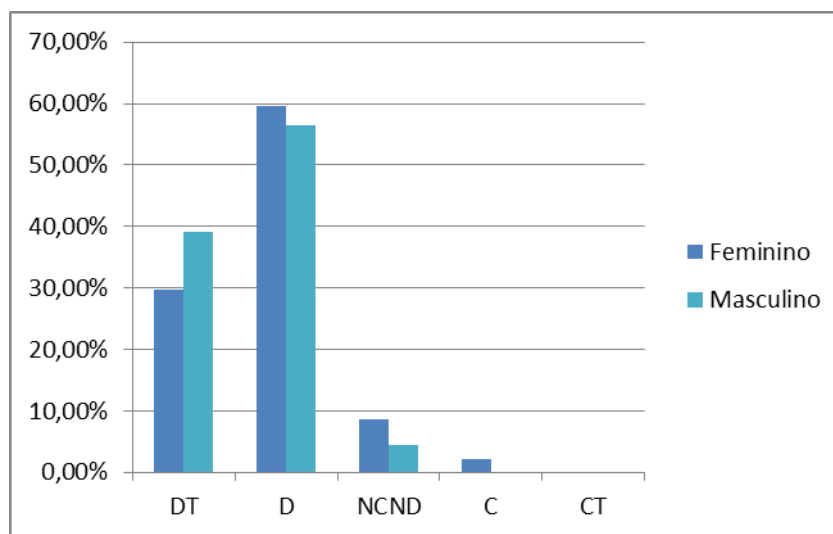


Gráfico 7- Descrição da opinião dos participantes sobre a discriminação das aulas de odontologia pela comunidade universitária, e seu menor prestígio acadêmico em relação aos alunos. Florianópolis, abril de 2015.

6. DISCUSSÃO

Observa-se, ao longo dos anos, que desde as guerras mundiais e a revolução industrial uma crescente inserção da mulher no mercado de trabalho. No âmbito da odontologia não é diferente. Diferentes estudos demonstraram o aumento no número de mulheres que procuram a faculdade nessa área das Ciências da Saúde.

O Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina possui mais de 50 anos e hoje é integralizado no tempo de 05 anos, sendo composto por 10 fases. Através de registros da coordenadoria do curso de graduação em odontologia desta mesma instituição, obteve-se a situação real quanto a participação feminina no CGO. Atualmente, o curso apresenta 569 alunos devidamente matriculados, sendo que destes 398 são do sexo feminino e 171 do sexo masculino. Correspondendo, respectivamente 69,95% de mulheres e 30,05% de homens.

Segundo pesquisa realizada na Unimontes, o contingente de mulheres inscritas no processo seletivo para o curso de graduação em odontologia em 1999 já correspondia a mais da metade dos graduandos (58,62%); sendo esta diferença aumentada a cada ano. Em 2001, a participação feminina já alcançava 66%, chegando a 69,85% em 2005. Em 2006, esse número teve uma leve queda, atingindo 65,82%, porém ainda representando que a procura pelo curso de odontologia na Unimontes é majoritariamente das mulheres (COSTA et al., 2010).

Quanto ao número de ingressos e formados, nota-se que do total de pessoas que ingressaram no curso de odontologia da Unimontes, o contingente feminino foi superior, perfazendo um total de 227 mulheres ou 52,43% do total. Observou-se também que, para os que concluíram o curso no período referente ao primeiro semestre de 2002 ao segundo semestre de 2006, a maioria dos formados (61,40%) é do sexo feminino. Outro ponto interessante é que em 30% de todas as turmas formadas, a superioridade da porcentagem de mulheres sobre os homens é muito expressiva, ficando na faixa de 80% do total de concluintes na turma (COSTA et. al, 2010).

A mesma realidade foi encontrada na Faculdade de Odontologia da UNIPLAC, a qual apresentou um predomínio de acadêmicos do sexo feminino (53,3%) (BRUSTOLIN, TOASSI, KUHNEN, 2006).

De acordo com os Censos Demográficos de 1970 e 2000 do IBGE, observou-se que o número de formados em odontologia em 1970 foi 18% de mulheres e 82% de homens, enquanto que em 2000 esse número passou respectivamente para 51% e 49%, demonstrando a feminização da profissão.

Em outro estudo realizado na FO-UFRGS constatou-se que no ano de 2010 estavam matriculados no curso 443 alunos, sendo destes, 303 do sexo feminino e 140 do sexo masculino. Portanto as mulheres constituíam 68% dos acadêmicos da Faculdade. Nessa pesquisa, foi verificada a participação feminina desde 1968, quando a Faculdade de Odontologia passou a integrar a UFRGS. Observou-se, por exemplo, que em 1976 dos 96 formados 66 foram do sexo feminino, constatando um aumento crescente na participação da mulher na odontologia (BALDISSERA; GRECCA; SANTOS, 2010). Ainda segundo esse estudo, no ano de 2010 as mulheres representavam aproximadamente 53% das docentes da universidade, sendo distribuídas por departamento: Departamento de Odontologia Conservadora com 20

professoras, sendo 04 da área de Dentística; 02 nas áreas de Endodontia, Materiais Dentários e Oclusão; 03 professoras na área de Prótese, Periodontia e Patologia, e 01 professora as áreas de Estomatologia e Anatomia Dentária. No Departamento de Odontologia Preventiva Social estão 14 professoras. No Departamento de Cirurgia e Ortopedia 09 professoras, sendo 03 das áreas de cirurgia, 02 na área de Radiologia e 01 professora nas disciplinas de Odontopediatria e Ortodontia.

A realidade encontrada na UFSC difere um pouco da do estudo citado acima onde o corpo docente do curso de graduação em odontologia é em sua maioria composto por mulheres. Na Universidade Federal de Santa Catarina há 66 docentes no departamento de odontologia, sendo destes 26 mulheres, ocupando, portanto, apenas cerca de 40% das vagas. Elas se distribuem da seguinte maneira: 05 em odontopediatria, 04 em endodontia, 03 em prótese dentária, 02 em dentística, 02 em saúde coletiva, 02 em implantodontia, 01 em estomatologia, 01 em pacientes com necessidades especiais, 01 em periodontia, 01 em odontogeriatrics, 01 em ortodontia, 01 em disfunção temporomandibular e dor orofacial e 01 em radiologia e 01 em bioética.

Segundo Riciou, Sposto e Navarro (1995), em estudo realizado na UNESP de Araraquara, de 1924 até 1938, 100% dos alunos formados pela universidade eram do sexo masculino. Já nos anos subsequentes essa situação começa a se modificar, com a participação de algumas mulheres, porém ainda de maneira não tão expressiva. Em 1950, a porcentagem de graduandos do sexo feminino era de 9,5%, aumentando para 10,8% em 1960 e para 26,3% em 1970. O quadro de feminização do curso só ocorreu a partir dos anos 80, onde 59,3% dos discentes eram mulheres, alcançando 66,7% em 1993.

De acordo com pesquisa feita por Machado et al (2006), as mulheres são 51% dos cirurgiões dentistas e se concentraram em sua maioria na faixa etária entre 20 e 29 anos de idade. Isso condiz com o que foi encontrado nesse trabalho onde quase 96% da amostra apresentaram idade compatível com a citada acima. Finatti et al (2007) também constataram essa realidade na UEL em que 86,87% dos alunos da graduação tinham idade até 26 anos.

Se tratando de raça/cor/etnia, Loffredo et al (2004) aplicaram um questionário aos alunos (ingressantes e concluintes) do curso de graduação da Faculdade de Odontologia de Araraquara - UNESP nos anos de 2001, 2002 e 2003, e obtiveram que a maioria dos mesmos se considerava branca, com valores variando de 80,8% a 91,7%.

Ainda em relação a essa variável, na UFPEL 94,23% dos estudantes de odontologia eram brancos (PIEPER, BUENO, 2010). Outro estudo realizado na UFTM com alunos dos cursos de graduação da área da saúde, ingressantes no primeiro semestre de 2012, demonstrou que 81,5% deles se declararam de cor branca (NARDELLI et al., 2012 **apud** LATREILLE, 2013). Latreille observou em 2013 na UFSC que 88,6% das alunas se autodeclararam brancas. Agora em 2015 essa prevalência diminuiu, indo para 80,85% das alunas. Já Silva e colaboradores (2001 **apud** LATREILLE, 2013) atestaram que na UFMA 43,6% dos alunos matriculados no curso de Odontologia eram brancos, uma diferença de quase 50% em relação aos números encontrados no presente estudo.

Finatti e colaboradores (2007) averiguaram que 84,01% dos alunos de graduação em odontologia na UEL eram solteiros. Para Rezende e colaboradores (2007), esse número foi ainda maior, onde quase 95% alunos da

UNITAU eram solteiros. Os valores encontrados na UFSC condizem mais com a realidade contatada por esses autores. Aqui, na Universidade Federal de Santa Catarina, 93,62% das alunas de graduação são solteiras.

Segundo Latreille (2013), 95,18% das alunas do curso de odontologia da UFSC não possuíam filhos. Em 2015, de acordo com valores encontrados por este presente trabalho, esse número passou para 97,87% das estudantes sem filhos.

Rezende e colaboradores (2007), conjecturaram que a feminização da Odontologia pode se fundamentar pelo fato de geralmente as mulheres, serem delicadas e terem uma maior habilidade manual se comparada aos homens, sendo essas, características de extrema importância no exercício da odontologia. Quando indagados se concordavam ou não com essa afirmação, tanto os alunos quanto as alunas da odontologia da UFSC concordaram com o referido, sendo a resposta positiva respectivamente, 59,57% para as mulheres e 69,56% para os homens.

Já de acordo com Moimaz, Saliba e Bueno (2003) afirmaram que as mulheres tem escolhido a odontologia pois a mesma oferece certa autonomia na carga horária de trabalho, propiciando desta maneira, que que elas conciliem sua jornada de profissionais com a de mãe.

Assim observou-se que as mudanças presenciadas em nossa universidade em relação a presença feminina na graduação em odontologia, bem como suas visões de mundo inserem-se de forma semelhante ao buscado em outras universidades.

7. CONCLUSÃO

A inserção da mulher não apenas no mercado de trabalho como um todo, mas também nos cursos de graduação em odontologia vem crescendo de maneira expressiva e generalizada.

O curso de graduação em Odontologia em Santa Catarina foi criado em 1918 no Instituto Polytechnico em Florianópolis, sendo posteriormente continuado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina até ser estabelecido na UFSC em 1960, sendo, nesta última, um curso relativamente novo.

Mesmo que até os meados do século XX ele tenha sido predominantemente masculino, 50% dos alunos formados na primeira turma aqui no estado de Santa Catarina, pelo Instituto Polytechnico, já eram mulheres.

Todos os estudos comparados com a situação atual da UFSC mostraram chegar a uma mesma situação, sem contradições: As mulheres, nos dias de hoje, são a maioria das discentes nos cursos de graduação em odontologia. Se comparar a feminização da odontologia em relação as docentes a realidade é diferente, não somente na UFSC como em outras universidades, em que os docentes do sexo masculino chegam a ser quase o dobro do que as do sexo feminino.

A contribuição desse estudo reside no fato do mesmo descrever um breve histórico da inserção da mulher na odontologia catarinense, em especial na UFSC, revelar temas e propostas de pesquisas direcionadas para ampliar o conhecimento sobre o perfil e a realidade das alunas e professoras de graduação neste curso. Além disso, demonstrou a opinião dos discentes sobre a feminização da odontologia e sobre a discriminação contra as mulheres na área. As informações produzidas por esta pesquisa podem ser utilizadas em estudos posteriores e também na melhoria da assistência estudantil para as alunas do curso de odontologia, visto que a presença feminina no mesmo está aumentando a cada dia.

Dentro do contexto do GIPES, que objetiva estudar a educação superior, principalmente na saúde e na odontologia, este estudo contribuiu para a identificação de um importante fenômeno que ocorre de forma global, refletindo-se também nas universidades, como a UFSC, e contribuindo também, para a compreensão desse grupo que representa maior parte dos acadêmicos do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC.

Ainda são necessários mais estudos para estabelecer os reais motivos pelos quais as mulheres passaram a procurar mais pela odontologia, se a mesma deve-se à possibilidade de poder trabalhar tanto como autônoma, como concursada; se pelo mercado de trabalho disponível; se pelo prestígio, se pela facilidade com habilidades manuais.

Fica também a instância de investigação de que a maior participação da mulher nessa profissão pode trazer para a mesma um lado mais acolhedor, melhorando a qualidade do atendimento, trazendo mais afetividade, atenção e compreensão dos profissionais com os pacientes, auxiliando na relação cirurgião dentista – paciente e assim, pode-se dizer, trazendo mais qualidade ao tratamento.

8. REFERÊNCIAS

- AMARAL, G. A. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 02, n. 13, p. 01-20, 2012.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE)**. Brasília, 2011. Disponível em: < http://www.uftm.edu.br/upload/pesquisa/perfil_dos__estudantes_das_federais.pdf > Acesso em: 27 abr 2015.
- BALDISSERA, R. S.; GRECCA, F.S.; SANTOS, R. B. **Rev. Fac. Odontol.** Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 27-30, jan./abr., 2010.
- BRITO, J.C de. Enfoque de gênero e relação saúde/trabalho no contexto de reestruturação produtiva e precarização do trabalho. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, Jan/mar. 2000. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000100020&lng=en&nrm=iso>. Data de acesso: 17 de jun. de 2014.
- BRUSTOLIN, J.; TOASSI, R.F.C.; KUHNEN, M. Perfil do acadêmico de Odontologia da Universidade do Planalto Catarinense – Lages – SC. **Revista da ABENO**, 2006; 6(1): 70-6.
- CANADIAN FEDERATION OF UNIVERSITY WOMEN. **Towards equality for women. A chronology of change and achievements**. 2010. Disponível em: <<http://cfuw-ottawa.org/Resources/Documents/Documents/Value%20Our%20Past.pdf>> Acesso em: 07 jun 2014.
- COSTA, S. M.; DURAES, S. J. A.; ABREU, M. H. N. G. Feminização do curso de odontologia da Universidade Estadual de Montes Claros. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.15 supl.1, p. 1865-1873, Jun, 2010.
- DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. **Descritores em ciências da saúde**. Disponível em: < <http://decs.bvs.br/> > Acesso em: 10 nov 2014.
- DIAS, M.J.S. **Feminização do trabalho x Reestruturação produtiva: a mulher como uma nova modalidade de enriquecimento do capital? III**

JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, São Luís, Maranhão, Agosto, 2007. Disponível

em:<<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoB/eeab858c197624dc16a8MARLY%20DE%20JESUS%20S%C3%81%20DIAS.pdf>>. Data de acesso: 04 de jul. de 2014.

FARIAS, I. A. P. et al. Análise do perfil profissional e da formação acadêmica dos Odontopediatras e de um grupo de Dentistas clínicos gerais da cidade de Joao Pessoa, Paraíba. **Brasil. Rev. Odontol. UNESP**, Araraquara, v. 39, n. 1, p. 27-31, jan./fev., 2010.

FINATTI, B.E.; ALVES, J.M.; SILVEIRA, R.J.; Perfil Sócio, Econômico e Cultural dos Estudantes da Universidade Estadual de Londrina – UEL - Indicadores para implantação de uma política de assistência estudantil.

Revista do Programa de Pós Graduação em Serviço Social, Juiz de Fora, 2007; 2(1): 188-206.

FLECK, A.C; WAGNER, A. **A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.8, n. esp. 2003. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300005&lng=en&nrm=iso>. Data de acesso: 17 de jun. de 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLZMANN, L. Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, n. 4, Jul/Dez, 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222000000200010>. Acesso em: 10 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Indicadores do período de 2004 a 2009. 2009. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/comentarios2009.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

KING, E. N. **Women in Dentistry**. 1945. Disponível em: <

<http://beckerehibits.wustl.edu/mowihsp/health/womenindentistry.htm>> Acesso em: 07 jun 2014.

- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico** – procedimentos básicos, pesquisa bibliografia, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LATREILLE, A. C. **Perfil socioeconômico dos estudantes de graduação em odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2013. 61 f. TCC (Odontologia) – Curso de Graduação em Odontologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. **Disponível em:** <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/105923/TCC%20Ana%20Cristina%20Latreille.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 de abr de 2015.
- LOFFREDO, L.C.M.; PINELLI, C.; GARCIA, P.P.N.S.; SCAF, G.; CAMPARIS, C.M. Características socioeconômico, cultural e familiar de estudantes de odontologia. **Rev. Odontol. UNESP**, 33(4): 175-82; 2004.
- MACHADO, M.A, et al. **Análise da força de trabalho do setor saúde no Brasil: focalizando a feminização**. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro - RJ, 2006. Disponível em: <http://www.observarh.org.br/observarh/repertorio/Repertorio_ObservaRH/ENSP-SA-FIOCRUZ/Analise_forca_trabalho.pdf>. Acesso em: 27 de abr de 2015.
- MOIMAZ, S. A.; SALIBA, N. A.; BLANCO, M. R. B. A força do trabalho feminino na Odontologia, em Araçatuba - SP. **J. Appl. Oral Sci.**, Bauru, v.11 n.4, p.301-305, out./dez. 2003.
- MORITA, M. C.; HADDAD, A. E.; ARAÚJO, M. E. **Perfil atual e tendências do cirurgião-dentista brasileiro**. Maringá: Dental Press. 2010.
- MOTT, M. L et al. 'Moças e senhoras dentistas': formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. **Hist. cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, suppl., p. 97-116, 2008.
- MOYSÉS, S. J. Políticas de saúde e formação de recursos humanos em odontologia. **Rev ABENO**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 30-37, 2004.
- NASCIMENTO, C.V; OLIVEIRA, B.J. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. **Caderno Pangu**, Campinas, n.29, Jul/dez, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2014.
- OST, S. Mulher e mercado de trabalho. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v.12, n. 64, maio. 2009. Disponível em: <

juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088>. Acesso em 30 de junho de 2014.

PIEPER, C.M.; BUENO, M. **Perfil Socioeconômico dos estudantes de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas-RS**. XII ENPOS II Mostra Científica Disponível em: <

http://www.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/CS/CS_01409.pdf > Acesso em: 28 de abr de 2015.

PINTO, M. Isabela a pioneira. **Jornal do CFO**, Rio de Janeiro, v. 16, n.82, p.12, jan./fev., 2008.

RABELLO, S. B.; GODOY, C. V. C; PADILHA, W. W. N. Por que a odontologia se transformou numa profissão de mulheres? **Rev. bras. Odonto**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 118-23, mar.-abr. 2000.

RAMOS, L; AGUAS, M. F. F; FURTADO, L.M.S. Participação feminina na força de trabalho metropolitano: o papel do status socioeconômico das famílias.

Economia Aplicada, Ribeirão Preto, v.15, n.4, out/dez, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502011000400004>. Acesso em: 10 jun. 2014.

REZENDE, F.P.; NAKANISHI, F.C.; MACHADO, A.C.P.; QUIRINO, M.R.S.; ANBINDER, A.L.; Perfil, motivações e expectativas dos graduandos e graduados em odontologia. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, 2007 maioago; 19(2): 165-72.

ROSA, J.E; MADEIRA, A.A. **Odontologia catarinense: evolução, ensino e movimento associativo**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1982.

ROSS, R. M. The Development of Dentistry: A Scottish Perspective circa 1800-1921. PhD thesis, University of Glasgow. 1994. Disponível em:

<http://theses.gla.ac.uk/3218/1/1994RossPhD.pdf#page=337>. Acesso em: 07 jun 2014.

SILVA, J.E. da. Enfrentando lutas, superando desafios: ganhos e conquistas das mulheres brasileiras no século XX. **Revista Eletrônica Univar**, n.7, p 58-61. 2012. Disponível

em:<http://revista.univar.edu.br/downloads/enfrentado_lutas_superando_desafios.pdf>. Acesso em: 30 de jun. de 2014.

SIMÕES, F. I. W.; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM:**

Publicações Acadêmicas, v. 1, n. 2, p.01-25, 2012. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-dos%C3%A9culo-XX_fatima.pdf>. Acesso em: 26 maio 2014.

TRENTINI, M.; PAIN, L. **Pesquisa em enfermagem**: uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

VIDAL, R. Q. S; NETO. A.M.S. Trabalhadoras brasileiras: características socioeconômicas e ocupacionais e perfil de saúde, Brasil, 2003. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.34, n.120, jul/dez, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0303-76572009000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 jun. 2014.

ANEXO I – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O PERFIL DAS ALUNAS DO CGO NO MOMENTO ATUAL									
SEXO		IDADE		ETNIA					
Masc.	Fem.	_____anos		Amarela	Branca	Parda	Negra	Indígena	Outra
ESTADO CIVIL									
Solteiro		Casado	Vivendo com um (a) companheiro (a)			Viúvo	Divorciado		
PRESENÇA FILHOS			ORIGEM DO CURSO MÉDIO			SITUAÇÃO OCUPACIONAL			
Sim		Não		Público	Privado		Trabalha	Não Trabalha	
CONHECIMENTO DE IDIOMAS									
Inglês		Espanhol		Frances		Alemão		Outros	
ASSINALE A SUA ÁREA DE INTERESSE NA ODONTOLOGIA									
Cirurgia/TBF ()		Implantodontia ()		Odontopediatria ()		Periodontia ()			
Dentística ()		Materiais Dentários ()		Ortodontia ()		Prótese ()			
Endodontia ()		Oclusão ()		Propedêutica ()		Outra: _____			
OPINIÃO DOS DISCENTES SOBRE A PRESENÇA FEMININA NA ODONTOLOGIA									
Indique o grau de concordância sobre os seguintes aspectos referentes à presença do trabalho feminino na odontologia									
Você concorda que o fato da odontologia permitir o trabalho autônomo, possibilitando adequar a carreira com seu estilo de vida e suas atividades familiares, fez com a mulher optasse pela profissão?									
Discordo totalmente	Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		
01	02		03		04		05		
Você concorda que determinadas características tipicamente femininas, como a comunicação, a sensibilidade, a intuição, a persuasão, a afetividade e a flexibilidade, podem contribuir favoravelmente para a valorização do trabalho feminino na odontologia?									
Discordo totalmente	Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		
01	02		03		04		05		
Você concorda que as alunas do curso de odontologia ainda são discriminadas pela comunidade universitária, bem como apresentam um prestígio acadêmico de relevância inferior em relação aos alunos?									
Discordo totalmente	Discordo		Nem concordo nem discordo		Concordo		Concordo totalmente		
01	02		03		04		05		

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
GABINETE DO REITOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS – CEP SH

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa (Trabalho de conclusão de curso - TCC) intitulada A presença feminina no curso de graduação em odontologia da UFSC, que fará uma entrevista, objetivando descrever o processo de inserção da mulher ocorrido ao longo dos anos no curso de graduação em odontologia da UFSC. Os seus objetivos específicos são: relatar a trajetória da mulher no mercado de trabalho mundial e no Brasil e a sua participação na odontologia; delinear a trajetória da presença feminina discente no curso de graduação em odontologia da UFSC; apresentar o perfil dos alunos do CGO referente ao sexo, a idade a etnia, o estado civil, a presença de filhos, a situação ocupacional, a origem do curso médio e o conhecimento de idiomas e conhecer a opinião dos discentes sobre a presença do trabalho feminino no CGO. Serão previamente marcados a data e horário para a coleta dos dados, utilizando uma entrevista estruturada. Estas medidas serão realizadas nas dependências da UFSC, mais especificamente no Centro de Ciências da Saúde, no curso de graduação em odontologia. A sua participação não é obrigatória e, a qualquer instante, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, não havendo prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a Instituição.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos devido à possibilidade de constrangimento e estresse emocional. Frente a essas situações ou qualquer demais intercorrência, os pesquisadores comprometem-se em interromper a aplicação do questionário. Destaca-se também a não obrigatoriedade de responder o questionário e que será garantido sigilo de todas as informações obtidas.

A sua será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão contribuir para a melhor compreensão das mudanças dos ingressos no curso fornecendo uma atualização sobre o perfil do CGO do CCS da UFSC, além de auxiliar em projetos futuros já que o tema é pouco explorado na Universidade.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores Eveline Grando Friedrich, aluna do curso de graduação e o professor responsável Cláudio José Amante.

Você poderá retirar-se do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

Agradecemos a sua participação.

EVELINE GRANDO FRIEDRICH
048 9624-3099
RUA JOÃO PIO DUARTE SILVA, 94, APTO 308, CÔRREGO GRANDE – FLORIANÓPOLIS/SC

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP SH/UEDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Fone: (48)3321-8195 – e-mail: cepsh.reitoria@udesc.br
Florianópolis - SC
88035-001

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____

ANEXO III – DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO – DIREÇÃO DO CCS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

Declaração de autorização da Direção do Centro de Ciências da Saúde da UFSC

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e, como representante legal do Centro de Ciências da Saúde, tomei conhecimento do projeto de pesquisa – “A PRESENÇA FEMININA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UFSC”, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/2012 e as suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 12 de setembro de 2014.

Prof. Sérgio Fernando Torres de Freitas
Diretor do CCS/UFSC
Portaria nº 192/2012/GR

Prof. Sérgio Fernando Torres de Freitas, Doutor.

Diretor do CCS/UFSC

ANEXO IV – DECLARAÇÃO DA COORDENADORIA DO CGO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

Declaração de autorização da Coordenação do Curso de Graduação em Odontologia da UFSC

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e, como representante legal do Curso de Graduação em Odontologia, tomei conhecimento do projeto de pesquisa – “A PRESENÇA FEMININA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UFSC”, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/2012 e as suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 12 de Setembro de 2014.Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como "Ana Maria Hecke Alves".

Professora Ana Maria Hecke Alves, Doutora.

Coordenadora do CGO/CCS/UFSC

ANEXO V – DECLARAÇÃO DA CHEFIA DO ODT



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

Declaração de autorização da Chefia do Departamento de Odontologia da UFSC

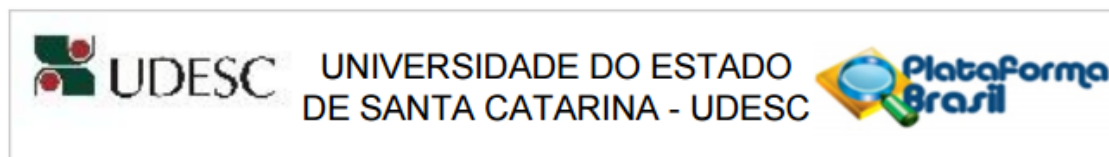
Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos e, como representante legal do Departamento de Odontologia, tomei conhecimento do projeto de pesquisa – “A PRESENÇA FEMININA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA DA UFSC”, e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/2012 e as suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 12 de setembro de 2014.

Prof. Ricardo de Sousa Vieira, Doutor,

Chefe do ODT/CCS/UFSC
Ricardo de Sousa Vieira
Chefe do Departamento de
Odontologia - ODT/CCS/UFSC
Portaria nº 1195/2013/GR

ANEXO VI – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A presença feminina no curso de graduação em odontologia da UFSC

Pesquisador: Cláudio José Amante

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38394914.2.0000.0118

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 977.296

Data da Relatoria: 03/03/2015

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa para conclusão de curso, que pretende contextualizar a inserção da mulher no curso de odontologia da UFSC. Será uma pesquisa de natureza exploratória descritiva, que pretende entrevistar todos os estudantes do curso. Segundo o cronograma apresentado na Plataforma Brasil, a pesquisa iniciou em 26/09/2014 e está previsto o relatório do TCC em março de 2015 e a produção do artigo em junho de 2015. A coleta de dados pelo cronograma está descrita para o mês de outubro de 2014. Serão entrevistados 500 alunos devidamente matriculados no curso de odontologia da UFSC. Está descrito os critérios de inclusão e exclusão. A pesquisa tem financiamento próprio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever o processo de inserção da mulher ocorrido ao longo dos anos no curso de graduação em odontologia da UFSC.

Objetivo Secundário:

Descrever a trajetória da mulher no mercado de trabalho mundial e no Brasil e a sua participação na odontologia; Delinear a trajetória da presença feminina, discente e docente, no curso de graduação em odontologia da UFSC; Apresentar o perfil dos alunos do CGO referente ao sexo, a idade a etnia, o estado civil, a presença de filhos, a situação ocupacional, a origem do curso médio

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

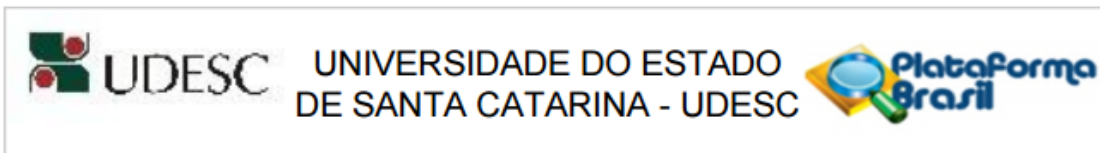
UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3321-8195

Fax: (48)3321-8195

E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 977.296

e o conhecimento de idiomas; Conhecer a opinião dos discentes sobre a presença do trabalho feminino no CGO.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O riscos previstos na pesquisa são mínimos, e os pesquisadores descrevem formas para minimizá-los.

Os benefícios estão descritos pelos pesquisadores como "Os participantes do estudo não serão beneficiados diretamente com qualquer auxílio material ou de outra natureza, mas indiretamente, com os resultados da pesquisa, pretende-se compreender como aconteceu a presença feminina no curso de graduação em odontologia da UFSC."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância acadêmica por pesquisar a mulher no mercado de trabalho.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os pesquisadores apresentaram:

- folha de rosto datada e assinada;
- declaração de ciência e concordância datado e assinado;
- projeto anexado pelo pesquisador.
- instrumento de coleta de dados anexado ao projeto.
- TCLE com o endereço do CEPESH/UDESC e os riscos da pesquisa descritos.
- Cronograma da pesquisa atualizado.

Recomendações:

sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

PENDÊNCIAS ANTERIORES CUMPRIDAS:

1- Inserir o TCLE no modelo do CEPESH/UDESC caracterizando e descrevendo os riscos, bem como os procedimentos para minimizá-los. A mesma descrição deve constar no item riscos no projeto básico.

PENDÊNCIA CUMPRIDA

2- Atualizar o Cronograma, pois o projeto ainda encontra-se em análise ética neste CEPESH/UDESC.

PENDÊNCIA CUMPRIDA.

SEM PENDÊNCIAS ATUAIS PROJETO APTO À APROVAÇÃO.

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

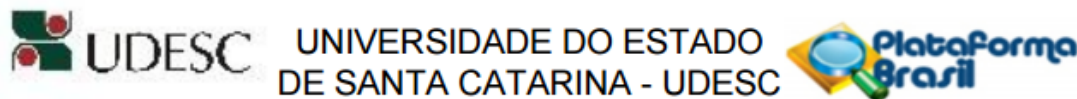
UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3321-8195

Fax: (48)3321-8195

E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 977.296

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado APROVA o Projeto de Pesquisa e informa que, qualquer alteração necessária ao planejamento e desenvolvimento do Protocolo Aprovado ou cronograma final, seja comunicada ao CEPESH via Plataforma Brasil na forma de EMENDA, para análise sendo que para a execução deverá ser aguardada aprovação final do CEPESH. A ocorrência de situações adversas durante a execução da pesquisa deverá ser comunicada imediatamente ao CEPESH via Plataforma Brasil, na forma de NOTIFICAÇÃO. Em não havendo alterações ao Protocolo Aprovado e/ou situações adversas durante a execução, deverá ser encaminhado RELATÓRIO FINAL ao CEPESH via Plataforma Brasil até 60 dias da data final definida no cronograma, para análise e aprovação.

Lembramos ainda, que o participante da pesquisa ou seu representante legal, quando for o caso, bem como o pesquisador responsável, deverão rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo suas assinaturas na última página do referido Termo

FLORIANOPOLIS, 09 de Março de 2015

Assinado por:
Luciana Dornbusch Lopes
(Coordenador)

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007
Bairro: Itacorubi **CEP:** 88.035-001
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3321-8195 **Fax:** (48)3321-8195 **E-mail:** cepsh.reitoria@udesc.br